O Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XIX — N.º 493 — Preço 1$00
2 DE FEVEREIRO DE 1963

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS
FUNDADOR: Padre Américo
VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

Africa

Que os soldados do Reino, os missionários, são dos melhores e mais seguros servidores da civilização cristã e, sem qualquer artifício ou compromisso menos puro, o são portanto, de uma Pátria que encarne tal civilização — parece-me não haver dúvidas de boa-fé.

Falo dos missionários, não deste ou daquele. E por isso falo também de boa-fé, enquanto não é próprio de uma tal atitude generalizar defeitos individuais.

Que o trabalho dos missionários nem sempre seja compreendido nem apreciado pelo mundo civil — é mais um prejuizo da Pátria do que do Reino. Porque embora o Reino possa sofrer na epiderme as convulsões das Pátrias—estas passam; o Reino não passará.

Mais grave será que a Igreja não acorde a tempo o seu olhar consciente sobre o trabalho missionário e não acorra a reforçá-lo, mesmo sacrificando aqui para acudir ali.

A Metrópole e as Ilhas Adjacentes constituem 17 dioceses. Exactamente tantas quantas as do Ultramar, se contarmos como tal a de S. Tomé e a Prefeitura Apostólica da Guiné.

Suponhamos que cada uma das primeiras 17 tomava à sua conta uma Missão numa das 17 do segundo grupo.

Para além do trabalho apostólico e civilizador que essa nova missão realizasse, estaria o valor de um símbolo de unidade feita de comunhão de sacrifícios e um testemunho do facto da inquietação católica da Igreja, pois que os limites do Reino transcendem os do Mundo.

Para além do trabalho apostólico e civilizador que essa nova missão realizasse, seria um orvalho de graças aqui e lá, o salário da catolicidade, consumada no sacrifício feito. Pois sendo Paulo quem semeia e Apolo quem rega, não é Deus, e só Ele, quem dá o incremento?

Devo dizer em abono da verdade que esta ideia a captei eu no ar, já me não lembro onde nem de quem, durante a viagem por Angola o verão passado.

Por lá se apalpa a penúria de obreiros a cada passo. E que pena! Talvez o Evangelho encontrasse aquelas naturezas primitivas mais receptivas do que as nossas, pretensas civilizadas e, tanta vez, corrompidas, ou embotadas por preconceitos! Talvez rendesse mais o esforço pela dilatação do Reino—e ainda viessem ajudar a salvar os resistentes *de cá, as graças merecidas pelos* rendidos *de lá: rendidos ao Senhor Jesus, que é Rei e veio para reinar.*

Também «naquele tempo» os fariseus e os doutores se fecharam ao Evangelho. E Cristo, a respeito do Reino falou de melhor sorte para os publicanos e para as meretrizes.

Dezassete dioceses portuguesas da Europa, presentes em sua Missão, nas dezassete dioceses portuguesas de África, Ásia e Oceânia! Que lindo não seria! Que fermento de graça para a crescença do Reino! E, (porque não, também?...) que prestação tão preciosa à unidade da Pátria!

Anúncio Importante

No jornal de 5 de Janeiro publicámos «uma carta» de um jovem médico.

Quem é ele? Não sei.

De onde? Também não.

Mas precisava de saber, que tenho recados para lhe dar.

Fico à espera do seu sinal de vida.

Há tanto tempo que não escrevo nada sobre o Património! Júlio farta-se de me ralhar — mas que fazer? Eu vou escrevendo o que me sai mais ao bico da pena... Entretanto chega a colaboração dos nosso padres e rapazes, mais Belém, mais Auto-Construção, mais Ordins,... **Surge uma daquelas cartas a queimar que a gente não pode segurar nas mãos e derrama no jornal... E pronto, aí está recado do próprio Júlio ou do Daniel, a dizer que já sobra material. Então é um desastre! É que não sendo absolutamente necessária, a pobre inspiração seca logo. E até à próxima quinzena não há que fazer. Isto os meus trabalhos de jornalista — à força!**

E assim o Património tem ido passando sem nada se escrever.

Mas o movimento não parou. Ele é rio; não é simples linha de água. Pode esta escassear, mas secar de todo, nunca. Assim tem sido com o Património: Desde que nasceu nunca mais parou, nem pára enquanto a sua água não afogar, completamente, o mar de miséria que está afogando o mundo.

Afinal, nós demos notícias ainda há pouco tempo, na Carta aberta ao Senhor Ministro das Obras Públicas! Por ela se ficou sabendo que umas largas dezenas de Famílias ressuscitaram, ao longo de 1962; fora as muitas mais que também, nesta cruzada de estimular a iniciativa dos Pobres, válidos para algum esforço eficaz, com a doação do telhado.

Tampouco diminuiu o interesse do público. Naquela carta se dizia que o Povo cumpriu a média a que nos habituou nos últimos anos. E que dizer da devoção com que tantos se manifestaram, e continuam, a respeito da falecida ideia da colaboração do Totobola com o Património?!

E hoje, é mesmo com um testemunho deste interesse que eu vou compôr este artigo.

Trata-se da descoberta de um despacho que um zelozo Ignotus **fez e da qual nos faz cientes, afim de nos livrar—e através de nós, muitos párocos e vicentinos—das inexoráveis exigências da Burocracia.**

«Leitor assíduo deste tão querido «Famoso», verifiquei, num dos últimos números do mesmo, que deve ter havido um lamentável lapso a propósito da insenção da contribuição predial referente às casas do «Património dos Pobres».

Ora, se da parte dos Serviços Municipais pode — à face da lei — haver determinado cumprimento de disposições legais

continua na página QUATRO

PATRIMÓNIO DOS POBRES

FESTAS

Já tenho duas notícias concretas para dar:

No Coliseu do Porto é em 14 de Março.

No Avenida de Coimbra é em 18 seguinte.

Mais difícil é acertar a data em Lisboa. Ali há muitos espectáculos, muitas matinées e é sempre mais custoso conseguir sala disponível para receber a embaixada que lhe levamos.

Esperamos que a Empresa do Monumental, tão requintada em gentilezas o ano passado, nos há-de abrir as portas com a mesma franqueza e simpatia.

Em Setúbal, creio que será mais fácil. Mas como convém que as Festas no Sul sejam próximas, por causa da deslocação das representações do norte e centro, a resposta do Luisa Tody tem de esperar pela decisão do Monumental.

Mas ele há outra festa que dou aqui quase como certa. É Viseu. É Belém **a reclamá-la.**

Há dois anos vieram cá as belenitas. **É justo que em retribuição, os gaiatos apareçam em Viseu. De resto, esta cidade tem de acordar em cheio para** Belém, **agora assoberbada com a grande responsabilidade do pagamento da Casa Nova.**

Logo a seguir à Páscoa contem connosco Senhores viseenses.

Braga, Aveiro, Viana... essas são com os vendedores de «O Gaiato». Eles já andam a mexer-se. Vamos a ver se são desembaraçados e arranjam por lá quem nos desembarace de dificuldades. Se assim fôr..., é provável. Se não...

O QUE NOS DÃO no Tojal

A última vez que relatámos o que nos dão no Tojal, ficámos no fim de Abril. Temos então o mês de Maio que começou e muito bem. Através da Senhora que todas as semanas vem a nossa Casa, com senhoras amigas tratar amorosamente as feridas dos nossos Rapazes, 25 contos de um anónimo; um cheque do Montepio com 50$; visitantes com 20$00. A colecta familiar L. Paixão com o pedido de uma oração pelos seus filhos. Promessa a Nossa Senhora de 50$00. Visitantes com 355$00. Do nosso fornecedor de lenha, do Freixial, 40$00. De Amável B. 1.000$00. E. Mello 100$00 e amêndoas pela Páscoa com cartas sempre muito saborosas. De Algés 2.000$00 que deram muito que falar. Mais o porquinho alentejano do costume. Empregados da Nestlé com 194$50. Cumprindo um voto e pedindo uma oração por uma família infeliz, 20$00. De um grupo de Empregados da L'Air Liquid Lisboa, que têm sido persistentes, 50$00+40$00+40$00. Visitantes com 105$00. Através do Diário Popular 500$00. Peditório na Igreja de S. Domingos, 10.179$; de A. C. G. M. 500$00. Dos empregados da Mobil, sempre entusiasmados, 1.629$30 + 3.696$50 + 1.852$00, mais os 40 litros de gasolina oferecidos mensalmente pela Empresa. Da rua da Condessa uma grafonola e discos. A nossa festa no Monumental rendeu 12.516$90 e as capas 12.145$00. Estamos a dois meses de nova festa. Quem nos dera juntar ali todos os amigos, ou pelo menos que não haja lugares vazios. A pedir uma missa por alma da Mãe 220$00 da assinante 24.153. Para a ajuda de uma Casa onde mais jeito faça, 12.000$00. De M. Helena: «É com todo o amor pela Obra e na impossibilidade de ofertar coisas novas, que preparo estas que deixaram de servir a meus filhos». Do Dafundo, embrulhos para Belém e Calvário. Tudo quanto tem vindo com este fim tem ido. Por vezes P.e Baptista nem tem onde levar, tão cheia vai a furgoneta com os doentes, mas como tudo lú faz jeito, cabem sempre.

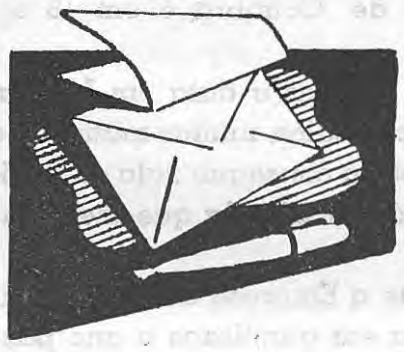
Vinte marcos de «uma amiga da Obra», qué na Alemanha muitas vezes se lembra de nós. De uma viúva da freguesia de Arroios roupas do marido. Da Fábrica Dragão rebolos de esmeril por várias vezes para a nossa Serralharia. De Loures, através da Mãe de um seminarista nosso amigo: 50$ de D. J. Graham, outro tanto de Snr. Garcia; 10$00 do Senhor Alentejano e do Senhor Mata; 5$ de Etelvina e 15$ de H. Lopes. Todos os meses. E mais 300$00 de quem tão insistentemente se preocupa com estes rapazes. E agora reparem: «Eis-nos de novo presentes numa obra que tanto amamos e sentimos um pouco nossa. Desta vez vão só 20$00». É de um grupo de Empregados da CUF. Em acção de graças da Rua Praia da Vitória, 200$00. Que lhe seja concedida a saúde que há tanto tempo pede e precisa. Duas amigas da Obra, 40$00. Mealheiros da Senhora deles: Av. de Madrid 37, 120$00. Rua Marquês da Fronteira 606$70. Casa Cruz de 5 de Outubro 96$50, Casa Alberto da Conde Valbom 29$70, M. A. Paixão apaixonada de há tanto tempo, 110$00. Os empregados da Nestlé 203$50+243$00.

Entrega no Lar: 500$00. Num sábado de grande aflição 500$00 que se foram buscar logo a Lisboa. Mais roupas, remédios e calçado do Montepio. Este ano muitos embrulhos dali trouxemos. Os nossos amigos não afrouxam no caminho para lá. Quando não temos mais onde recorrer eu vou pelo Montepio a ver como está a nossa conta: há sempre ainda alguma coisa que se pode levantar. Pessoal do Banco de Portugal: assinaturas 2.835$00; donativo para esta Casa 4.800$ e mais 1.500$00 para o Património. D. Berta, da Secil, com visitas e 130$00. Já sabemos que deixou alguém no seu lugar para que os empregados da Secil nunca se esqueçam de nós. Da Praça de Damão 300$00 e mais 500$00 daí a dias, numa visita de que tive pena não ser eu o cicerone.

Da Fábrica Unor um rolo grande de cartão canelado. Da Bucelense a oferta do carro que levou os rapazes ao Monumental. Igualmente registamos a oferta dos passes para os vendedores e para dois estudantes. A compreensão do Snr. Caiado tem sido extrema. Pena que continuando e avolumando-se as nossas necessidades, não possamos estes ano contar com os mesmos passes. Também aguardamos igual favor da Empreza Claras para o vendedor quinzenal das Caldas. Quando este jornal sair espero já ter sido atendido. De C. Godinho, em acção de graças para o que fôr mais necessário, 500$00. Da fábrica de pirotecnia de Loures rabichas para o S. Pedro. Mais três camisolas de Ordins. Visitantes com 100$00 mais 145$00 de Loures. Da Rua Passos Manuel 200$00 mais livros e lápis. De uma Professora Primária 100$00. Pereira que aqui aparece tantas vezes, Mais uma mala de roupa. E uma Senhora muito amiga que tem um filho muito amigo, 100$00. As. 4577 60$00. De D. M. Lencastre, 1.000$00. Carlota de Santa Iria 200$00. Capitão Pearce, 100$00. Promessa de uma Mãe, 200$00. Mais um fogão a lenha que ficou a matar no nosso Lar e outro a gaz que eu já ofereci ao nosso Manuel que vai casar. Mais 500$ para concerto dos mesmos. Uma promessa a um vendedor 100$00. A propósito; aconteceu hoje alguém entregar à porta de S. João de Brito 100$00 para assinatura a um dos nossos que os perdeu, mais ao papel que vinha com o n.º da assinatura e precisávamos de saber. Mais de uma promessa entregue a outro vendedor 250$. Mais 100$00 de A. Paixão. Peditório em Oeiras 4.175$20. Gosto tanto de ali ir, por saber que o Senhor Prior nunca me diz não...

Mais uma carta muito bonita com 10 dolares. Da Rua Domingos Sequeira 100$00. Visitantes com 20$00. Peditório das Caldas 3.774$10. Da Alameda das Linhas de Torres, medicamentos. E por medicamentos falta referir a Farmácia dos Combatentes de Algés que no ano passado foi aos cinco e este aos sete contos e meio em medicamentos para os nossos rapazes. Pois tudo foi preciso. Ao casal feliz que nos fez tão boa oferta o nosso reconhecimento. Dum Inspector dos CTT, 100$00. Visitantes 200$00. Peditório em Sintra 1.931$30. Mais no Lar 500$00 que vieram preencher uma falta na folha de férias. Foi assim todo este ano apesar do muito que aqui parece ter vindo dar. Quando há dias o nosso Manuel me mostrou o resumo das contas, apeteceu-me cair de joelhos e agradecer a Deus. Fora os primeiros meses de 1962 todas as semanas foram vividas em angústia. Chegamos ao fim do ano a dever umas dezenas, sem falar na máquina da Tipografia e no tractor. Pois julgava eu que pouco tínhamos gasto. Oh espanto! Passaram pelas nossas mãos novecentos e onze contos, incluindo o movimento das oficinas, mas excluindo o do Lar. Quer dizer que tudo roçou pelos mil. Parece incrível. Deus tem feito maravilhas. De migalhas e pòzinhos faz montanhas.

P.e JOSÉ MARIA



Uma Carta

É com grande satisfação que junto envio a importância de 5 dollars para auxiliar a Obra imortal de Pai Américo. Já recebi também o vosso conceituado jornal; mas, para a assinatura deste enviar-lhes-ei qualquer coisa no próximo mês. É na realidade muito pequena a oferta mas a oração que a acompanha é sincera e nisto se alegra o meu coração em favor do Evangelho.

A maior aspiração do mundo devia ser a caridade (dos que podem dar) e a gratidão dos que recebem; pois tudo isto feito em nome d'Aquele que nos dá Vida é a semente do Cristianismo. Todavia os nossos passos dentro do Cristianismo são lentos e o nosso progresso não pode ser manifesto enquanto estiver oculto aos nossos olhos o que significa «amar o nosso próximo como a nós mesmos». O melhor sistema para aprender um ofício é praticar. O único processo para fazer um homem cristão é praticar. Basta ao servo ser como o seu Mestre.

Na realidade o mundo precisa de aprender mais Cristianismo e quando esta hora tiver chegado, nada haverá que possa impedir-nos a Paz do nosso Mestre.

Vem da América, mas não da de Kennedy. É do Canadá, de um Manuel português, que ali realiza a sua vida.

Pela letra, pelo modo de escrever, vê-se que é um trabalhador, decerto não muito culto. Mas a Sabedoria sobrenatural não tem nada a ver com a ciência dos sábios deste mundo!

E é por isso que eu não resisto a dar à estampa, tal qual, esta carta vinda de um Continente de onde saíram tantos **planos** para salvar o homem por si mesmo e de onde agora sai esta receita muito simpes—a única segundo a qual «nada haverá que possa impedir-nos a Paz do nosso Mestre.»

BELÉM

Continuando a nota de presenças do número anterior, aqui se registam as «mensalidades» do último trimestre do ano findo e do primeiro deste ano, enviadas pelo Senhor de Lisboa que quer ser «Padrinho» duma belenita.

Uma vicentina de Lamego volta com 100, «lamentando profundamente não poder enviar mais».

Cónego da nossa Sé, que não esquece as nossas belenitas, enviou 100 — «dois bolitos para a Santa Vigília». Mais dois Sacerdotes de Viseu, vieram em dia de Reis com suas ofertas.

O Casal nosso amigo, de Braga, mandou mais 150 além da quota mensal, para aquisição da Casa Nova.

De Manjacage, Moçambique. Joninho e Migré enviaram duas peças de roupa, uma libra e uma linda bonequinha.

Ass. n.º 33745 enviou vale de 50. Outro tanto de Lili, conforme o prometido mensalmente. O dobro de M. R. X..

«Ficar-me-ia a doer o coração se por minha falta deixassem de ter a vossa casa; aí vão pois os meus 50. Na verdade se todos os assinantes ouvissem o vosso apelo, não ficariam mais pobres e dariam muita consolação a Deus através das suas belenitas. Peço muita desculpa de só hoje acordar, mas... *vale mais tarde que nunca*».

Ainda veio a tempo, minha Senhora, com a sua quota parte. Mas continue a ajudar-nos pedindo muito a S. José que bata à porta dos dorminhocos, até os acordar...

Da Conferência de Maceira-Liz vieram roupas para as belenitas. De Coimbra, uma camisola. Restos de lãs e mantas de retalhos de *Béca*. Roupas usadas de Lisboa — 12 do Dafundo, Berta enviou 7 camisolas quentinhas e aqui lhe respondo que todas servem, mas convém que as outras sejam maiores, para servirem às mais velhas, até 14 anos.

«No 4.º aniversário da Obra, não quero deixar de enviar uma lembrança para esse *Presépio Vivo*, um louvor do nascimento de Deus Menino, a quem imploro abundantes bençãos para Belém». Que Ele a Ouça...

Da Beira, África, chegou calçado e roupas usadas. De Faro, veio roupa pelo C. de Ferro mais 20.

De Viseu compareceram o Centro Comercial das Beiras com uma peça de riscado. Senhora que deseja o anonimato com 50. Armazém António das Águas com outro tanto. Grémio do Comércio com 300. Rotary Club com cobertores. Senhora com a décima parte do salário. Mais duas Senhoras com 500 e 120. Dois Casais com 100 mais 100. Sacerdote com 300. Família que nunca falta pelo Natal, quer chova quer neve, com 50 e um bolo. Pai da Gracindinha com 50 e tangerinas. Outro Casal Amigo com 250. Entregues a uma belenita, na Igreja, 50. Outro tanto por intermédio de Maria Helena. Bolos trazidos a nossa Casa e flanela. Peças de roupa e calçado de várias origens. Um grupo de fun-

FACETAS DE UMA VIDA

Na correspondência de Família aparece carta do P.e José ao Américo datada de 27/Janeiro/1916, comunicando-lhe a morte do Irmão António, que era médico e se finou num Sanatório da Guarda em 18/Janeiro/16. Há depois uma notícia da «Exhumação para limpeza do Carneiro de Antelagar», feita em 18/Agosto/1919, texto muito curioso da pena interessantíssima do P.e José.

Segue-se outra notícia fúnebre, de 12/Fevereiro/21, relatando a trasladação dos restos do Dr. António, da Guarda para o lugar de repouso que a Família reservara no cemitério de Paço de Sousa. (Ao lado foi a primeira sepultura de Pai Américo).

A esta última responde o Américo, de Lourenço Marques, em 7/Maio do mesmo ano: «Recebi e li com verdadeira comoção a narrativa da exhumação da ossada do nosso irmão António».

*

Surge agora grande intervalo sem correspondência. Penso que nova procura cuidadosa nos há-de dar com quo preencher esta lacuna que vai de 1916 a Maio de 1923.

A carta sobre que hoje nos debruçamos é datada de Liverpool, no dia 17 deste mês e ano. Por ela retomamos contacto com passos já conhecidos, naquele período que medeia entre o regresso de África e o ingresso no Convento de Vilariño de Ramallosa. É um tempo torrencial de ideias sobre negócios que — julgava ele — haviam de constituir a sua ocupação futura. A carta trata de uma possível cultura temporã de tomates para colocar em Inglaterra, quando ali escasseia este fruto que o inglês não dispensa na sua alimentação. Eram já então grandes fornecedores deste produto as Ilhas Canárias e tal acontece ainda, como pudemos verificar há meses ao regressarmos de África.

Depois desta carta tão embebida de cuidados materiais, a que encontramos é escrita já da Galiza e vem cheia de àlertas para as grandes realidades do espírito, que é urgente não descurar.

A penúltima carta do Padre José falava na tua saúde e a última confirma que passas mal.

Quando nas tuas condições de vida e crença se perde a saúde e com ela todas as esperanças nas cousas da terra, deve opor-se-lhe pertinazmente a confiança na Eternidade, apoiando-nos no bem que fizemos durante os anos da vida que passou. Recordar todas as ocasiões em que auxiliámos o nosso próximo, meditar no mistério impenetrável do Além; eis o melhor tónico moral que podes encontrar para fortalecer a consciência, o único alívio dos espíritos onde fulgura ainda um raio de luz. Procura, sim, o convívio dos Teus, descança aonde te for melhor à saúde, ouve Aloysio e outros médicos porque a tua saúde é-nos cara, mas não esqueças, meu caro, que mais alguma cousa te é necessária, sem a qual a tua vida será um tormento e o teu repouso um sacrifício. Eu estou neste convento há precisamente 9 meses e vou professar dentro em breves dias a vida de Religioso. Não estou aqui de graça, nem por capricho, nem por veleidade. Estou por convicção; estou por sinceridade e medito na realidade da vida que professo, toda sacrifício, abnegação e renúncia e a comparo com a realidade da que deixei, toda liberdade e fartura. Sofro muito, evidentemente, mas não me desvio um ápice do norte que tomei. É a experiência íntima desta vida que te leva, nestas regras, a grande sinceridade do que te digo.

Recordar o bem que tens feito ao teu próximo, repito; meditar nos mistérios insondáveis da Eternidade. No primeiro caso encontrarás uma grande suavidade íntima; o segundo ensina-te a esperar a morte sem receio, depois de te teres preparado para ella.

Chama à tua beira um sacerdote edóneo e confessa-lhe os teus pecados. Não te aviltas. Nem isto é absurdo, como suporás. Não há nada que faça melhor à nossa alma do que ajoelhar diante dum sacerdote, e falar com a consciencia, confessando as culpas que ella dita. Não queiras sondar cousas que não entendes. Larga por uns momentos a materialidade das cousas da terra, dilata a tua alma até ao infinito, procura Deus e verás o bem que colhes e que gozas neste novo horizonte. Um sacerdote, sim, digo eu. Um homem de extrema virtude que te comunique a que tem, ouça as tuas culpas e te ensine a viver com espírito e para o espírito. Que t'as perdoe naquela medida singular, que é justamente a que distingue a misericórdia divina da justiça dos homens. Tenho como que a certeza de que estas minhas palavras te hão-de chocar um pouco e que os anos de vida que te restam os aplicarás ao trabalho, justamente como até aqui tens feito, e também a nunca perderes uma ocasião de poder ser útil ao teu semelhante e a arreigares no teu espírito a convicção verdadeira e sã de que corpo e alma não é uma e a mesma cousa. O primeiro, matéria, volve ao que é; a segunda, essência divina, voa para o Infinito. Tudo o que andar fora disto é simplesmente um racionalismo ôco e ignorante.

Adeus meu caro. Eu desejo muito da minha alma e com verdadeiro amor fraterno que tu sejas o que foram os nossos antepassados e o que todos devemos ser; bom para ti e bom para os outros. Que às tuas boas qualidades de trabalho e honestidade juntes, também, a de bom cristão; cristão na tua casa, no teu escritório, na rua, nos caminhos, nos combóios e nas egrejas.

Quem me dera ter a felicidade de ser compreendido e que esta minha carta sirva um propósito muito íntimo e que eu tenho muitas razões para supôr ver confirmado, dentro em breves dias.

cionários dos C. T. T. mandou um aquecedor eléctrico que nos tem feito bom jeito, com o frio que vai. Deram-nos ainda um piano usado.

E terminamos registando o donativo de 5 contos, que nos veio do Governo Civil.

De Coimbra, por intermédio do Senhor Padre Horácio, chegou um cheque de 5 contos.

Mais um vale de 1.900$00, da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, total de donativos ali recebidos. Outro de mil de O. Veríssimo e outro igual de J. Oliveira. Um de cem de Maria Luisa e outro igual da «Avó das sete netinhas». De Gina Maria um de 55 e de C. Fajardo um de 50. Amiga de Ladeira, enviou um de 100 e a Mãe Irene outro igual.

Raquel comparece com a sua prestação de Novembro e mais 120.

Helena enviou a renda desta Casa para Janeiro. Obrigada pela sua carta. Eu preciso escrever-lhe. Para que direcção devo enviar a minha carta?

«Correspondendo ao vosso apelo, que profundamente me emocionou, junto a quantia de 200$, que corresponde à 2.ª e 3.ª prestação de 100$00 cada uma, da minha contribuição para a nova instalação das belenitas».

Feitas as contas verificamos que podemos pôr de parte 20.000$00.

Precisamos, portanto, só de:

628.000$00
—20.000$00
608.000$00

A todos os nossos Amigos, um reconhecido bem-haja.

INÊS — BELÉM — VISEU

PELAS CASAS DO GAIATO

TOJAL

SELOS USADOS — Por circunstâncias várias não nos foi possível escrever sobre a Campanha de selos usados durante duas quinzenas. Eu tenho que para mim esta pausa foi benéfica, porquanto os nossos queridos leitores puderam descansar um pouco da saturação importa pela Campanha durante quase 5 meses sem descanso. Aliás era preciso dar tempo ao que os nossos leitores juntassem para que as encomendas pudessem chegar até nós com o mesmo entusiasmo daqueles primeiros dias da iniciação da Campanha. Muito se fez até agora. Muito mais há a fazer daqui por diante. Ela já rendeu perto de 2.760$00 em selos e donativos e se todos quiserem a máquina será paga em pouco tempo porque a generosidade dos nossos leitores é já bem conhecida nas colunas do jornal mais famoso do mundo.

Posto isto vamos dar início às presenças que até nós chegaram durante este intervalo de crónicas da Campanha: A uma senhora amiga das nossas casas que se assina A. L. C., dizemos que todos os selos que nos envia servem perfeitamente para o fim em vista. De Bragança vieram selos por intermédio de D. Florinda Morgado; do Porto, uma Amiga da Obra da Rua pede desculpa por ter mandado poucos. Não concordamos, e se cada português nos mandasse um selo dos comemorativos portugueses, nós receberíamos dez milhões de selos! que transformados em maços de 100 nos daria 100 mil maços!! que por sua vez seriam vendidos a 8$00 cada maço e teríamos a bela soma de 800 contos!!! que dariam para comprar mais 2 máquinas!!!! Muita gente chama a isto sonhar acordado. Mas muitas vezes é necessário sonhar para que as coisas se transformem em realidade. ...E tanto temos sonhado?! Por isso dizemos a esta nossa Amiga que não foram nada poucos e vamos prá frente. Outra encomenda de Carlos Gil. Digo outra porque já é a segunda vez que este nosso amigo comparece: já que falamos em repetições, peço muita atenção para este grupo de amigos de Rebordosa — Baltar, e leiam por favor:

Embora o nosso silêncio vos possa levar a pensar que esquecemos aquilo que havíamos prometido, tal nunca aconteceu como aliás, esta nossa carta demonstra perfeitamente. Aguardávamos apenas a reunião de um número razoável de selos e, como estamos no limiar de um Novo Ano, permitam-nos que os enviemos como um presente muito, muito humilde, pelo menos sob o ponto de vista material, mas grande no seu sentido espiritual. O seu valor. será pouco mais que nulo, mas, para além do valor, surge a intenção que, neste caso, é bastante superior ao primeiro.

Que o Novo Ano vos cumule de bençãos — o que, estamos certos, não deixará de suceder, pois Deus, lá do Alto, não deixará de abençoar uma obra que é o melhor exemplo daquela doutrina sublime que Ele pregou — são os votos sinceros dos

Amiguinhos de Rebordosa
(Baltar)

O nosso muito obrigado e os mesmos votos de Bençãos de Deus. Outra vez o Porto, de Manuel Paulo Fernandes; agora é a Candinha de Aveiro e depois alguém que se assina M. T. P. e que nos enviou bastantes selos; vem a seguir a Capital com muito entusiasmo e que se assina Severina.

CANDIDO PEREIRA

SETÚBAL

O NATAL — Nunca como este ano, ele foi dum interior tão eficaz: A alegria interior suplanta todas as manifestações e todas as homenagens a que o mundo se habituou.

Na nossa comunidade, «o homem velho deu lugar ao Novo». Os convidados foram ao Banquete. Nasceu em cada um o Menino que veio por resgate e humildade. E cada um de nós, sentimos e cantámos o louvor dos Anjos ao Salvador.

Nunca como nesta data, o sabor da família é tão amor. Nazaré a falar, e a dizer do seu aconchego.

No refeitório, entre algazarra — são os passarinhos em dia de primavera — foram comidas as batatas com bacalhau e hortaliça. Depois fomos pró salão de festas — é o primor das nossas casas. Ali, numa festa feita e preparada pelos rapazes, foi como que a expansão duma alma sã que diz do que sente. Todos os anos, a gente das redondezas vem ao nosso convívio. O salão fica sempre repleto. Aos poucos, esta gente vai aprendendo o siguificado do Natal. Do teatro fomos prá Capela. Também estava repleta. Depois de mitigada a fome, foi o sermão. Entre cânticos e louvores, nem tudo caíu em terreno daninho, e aquela gente, que nunca ouvira a palavra de Deus, pró ano há-de ter mais fome de A ouvir. «...Peço-Vos perdão, para os que não crêem...».

TRIBUNA ED COIMBRA

Mimos da Triunfo; 500 da Auto-Industrial; 300 em cheque de Lisboa de Senhora que se apaixonou por nós; 500 de Lisboa do Grémio do Arroz; 12 dólares de Alberto do Canadá; 20 levados ao Lar; cem do mesmo modo; cem da Fábrica de arroz de Taveiro; calçado da Mabor para a nossa Opel e 50 escudos; a oferta sempre tão simpática da Fábrica de Curtumes de Coimbra; 200 da Farmácia Normal de Lisboa; 10 mil para nós e belenitas de um Pai cheio de saudades e ternura.

Lembrança de Tomar pelo vendedor e um saco de pão; 500 e mais 250 do Salão Azul de Coimbra; uma carrada de embrulhos no Castelo. «Nunca assim deram tanta coisa» disse a Maria Teresa quando me viu entrar. Vinte na minha mão; 400 das muito amiguitas Maria Helena e Maria Isabel; 300$00 de Senhora de um Colégio que aparece sempre nestes dias; 300$00 de Amiga que nunca nos esquece; a visita de Natal de Família Amiga que traz sempre mala cheia; Senhora Amiga que abre muitas vezes a mão com 500; 4 cobertores na loja do Senhor Carmo; cem de Snr. Dr. de Cantanhede.

As coisas para as boroinhas do Armazém Barbosa & Sobrinho; uma ceira de figos de armazém de Miranda; mais figos e roupas da Senhora Mãe dos nossos estudantes; mais muitos figos de Amigo da rua Simão d'Évora; cem do Armazém de Carlos Lousada; 4 senhas de mercearia para famílias pobres; cem em vale de correio; um embrulho de roupas da Maceira-Lis; mercearia amorosamente levada ao Lar; peúgas da Lousã; uma peça da Sociedade de Fazendas.

500 de casal vizinho; 50 em carta; livros dos empregados da F. N. P. T. de Lisboa; 150 de Arazede; roupas de Braga; roupas de Lisboa; 150 em vale de correio; 300 deixados na Atlântida de Snr. Dr de Carregal do Sal; 1.200 de renda de casa que um casal quis pagar no primeiro ano que teve casa sua. Ao chegar a casa encontrei uma mãe com o marido paralítico que me ia pedir uma ajudazinha para uma casinha que o povo lha havia feito, mas ainda está por acabar. Horas de Deus. Feliz encontro. Que bom é ser recoveiro de Amor.

PADRE HORÁCIO

— Nautílio e Daniel, são os dois benjamins da comunidade. Há bocado, chovia muito, e os dois *batatas* andavam a brincar à chuva. Nisto vem o «Euzébio» e berra e acode a recolher os dois traquinas. E deu sapatadas no rabo do Nautílio, porque ele foi mais refilão. O Evangelho, vai duns pra outros.

— Os Senhores do Zambujal. Têm sido os nossos amigos de sempre. Eles, a alimentarem o nosso fogão, eles empréstimos disto e daquilo, eles dinheiro, e por último o mato que a gente quizer prá nossa estrumeira, que é «dor de cotovelo» dos nossos Padres das outras casas.

ERNESTO PINTO

Visado pela
Comissão de Censura

Há tempos, não muito idos, duas senhoras vieram aqui gastar o último cartucho. «Corremos Lisboa inteira. Procurámos por toda a parte lugar para um pequeno de 4 anos, anormal, cego e já com um tumor conceroso. Mas não encontrámos quem o quisesse». — Então é aqui o lugar dele, — acrescentei. O Calvário nasceu precisamente para tapar buracos como este. Porém é rolha tão pequena que os buracos continuam abertos como sempre têm estado. Nem mesmo é função desta Casa solucionar problemas assistenciais. É apenas poiso onde se deseja amar o deserdado da saúde e dos bens materiais, que é o pobre doente dos caminhos.

Este pequeno veio, pois, da capital. Impressiona vivamente observar as consequências da anormalidade e do mal que o atormenta. Mas confrange ainda mais sabermos que, ao ser internado, nos primeiros meses de vida em Hospital de Lisboa, o Carlos Manuel fica sem os pais, porque lhe desaparecem, não mais o procurando!

Neste principiar de ano, os dias têm-nos mostrado muitos doentes. Vamos recolhendo os mais abandonados entre os inválidos. É este o nosso critério. Nem cunhas, nem pensões, e menos ainda dotes, contam como condição de admissão. Pelo contrário, são estorvo.

Do Porto veio a Senhora Maria da Luz, que esteve dois anos paralizada numa ilha ao cuidado das vizinhas. Muito sofreu esta pobre!

De Gondomar chegou a Ti Maria Ramalha, octogenária, com ferida exposta. Apresentou-se no hospital, mas não passou da porta. Já não era coisa para lá. E, como se tratasse de cancro inoperável e não tivesse familiares, veio acrescer a família dos iguais a ela.

No centro da cidade (falo do Porto), em pátio rodeado de edifícios de gente e de buliço, esconde-se uma capoeira, à sombra de árvore e dentro daquela uma vèlhinha paralizada. Pois fui ali com a Opel, carreguei-a e hoje está ao lado de outras como ela.

Quanto mais aleijões trago, mais encontro. Quanto mais deparo, mais me aflijo. E se não fora o Mestre mais a Força que Ele dá, há muito que teria saturado. Mas não. A sorte dos Pobres, porém, não pode deixar de perturbar. Não podemos esquecê-los mais, uma vez que conhecemos bem no âmago a situação deles. Tenho até para mim que a solução destes problemas de miséria está na razão directa da aproximação dos responsáveis com os em causa.

x x x

Perdoem-me agora estes números, mas são muitos a pedi-los. Maria da Assunção está aqui com 500. Anónimo da C. G. D. de Braga ora com 40 ora com 60. Alice do Porto com 700 do aumento de ordenado. Operária vimaranense com 50. Conceição de Braga com o dobro. Assinante do Porto com 200. Da mesma cidade Roberto com 20 e Álvaro com 50. Parteira com migalha. Pecadora com 10 mensais. Mãe de Oeiras com ânsia de que o filho seja bom cristão. Zé Ninguém com 50. Alentejana com 20. Viúva com outro tanto. Maria do Porto com um pouco mais. Berta e Jorge do Porto com 100 repetidas vezes. M. Leonor com 200. Raul tem vindo muitas vezes também com 100. Anónima do Porto com 500. Maria Vitória com 100. Assinante de algures com 200. Outro com metade. Senhora ingleza, de Sintra, com 100 e muita alegria em dar. Anónima da Rua das Papoilas com 50 mensais. Pecadora com 40. A. P. com 100. Acácio com migalha. Doadora de sangue com a persistência de sempre mais o amor da oferta constante. Julieta com 50. Assinante de Melgaço com 60 «para a Obra de minha maior devoção». Maria Inês com 200. Maria da Luz com 130. Alfredo de Lisboa com 100 e Beatriz com metade. Fernando quis que o Natal dos Pobres doentes fosse o menos triste possível. Emília com a sua costumada esmola. Funcionária dos C. T. T. também traz a sua. Um que espera obter graça pedida. Maria com 100. Albano com o dobro. Antónia de Coimbra com 100. Berta com esta quantia em duplicado. Júlia com 50 e Rosa com igual oferta. Doente para doentes vai também aqui.

Pelo êxito do exame dos netos 200. No aniversário do falecimento do pai, metade. Outro tanto do Dundo. Mais 100 de Setúbal. No aniversário do casamento dos pais 100, do Funchal. Outro tanto de Lisboa. E outro tanto ainda de S. J. da Madeira. De L. Marques 100. No Banco um anónimo deposita-nos 1. 200$00. Em sufrágio 400. Selos de uma viúva.

De Paranhos da Beira, uma promessa. De S. João do Peso 500. Outra migalha de Coimbra. Do Porto 100. Do Estoril outro tanto de Maria Luiza. Mais 150$00 em sufrágio e mais 50$00 e mais 10$00 com o mesmo fim. Migalha da F. da Foz. Muitos excedentes ao pagamento do jornal. Alguém pede orações pelo pai. De Benguela 100. Da Chamusca outro tanto. De Coimbra ainda o mesmo. De Monção 500 de uma Maria. De Aveiro 200 e mais 50. Para o João de Cascais 40. E mais 500 «para o Calvário, graças de Deus a lembrar-nos quanto nos cabe procurar minorar a dor dos irmãos em Cristo, pobres em bens do mundo, mas ricos junto de Deus». Que riqueza não vai no fundo de quem assim pensa! E mais 50 «por alma daquele que tanto amei para a Obra que ela tanto amou». Bem hajam quantos nos amam, também.

PADRE BAPTISTA

PATRIMÓNIO DOS POBRES

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA UM

(no que respeita a «licença para obras» e, feita a construção, no que concerne a «licença de utilização» ou para habitação), o certo é que, relativamente à aludida isenção da contribuição predial, o Ministério das Finanças e como se vê na circular (de que junto cópia) n.º 16/56, da Direcção Geral das Contribuições e Impostos, a mesma isenção é **permanente**, por força do n.º 5.º do art.º 5.º do Código da contribuição Predial, **bastando, para tanto** (como expressamente determina tal circular aos Serviços), que em relação aos prédios se verifiquem as condições do regulamento do «Património dos Pobres»—**«Isto é: que os mesmos sejam entregues, a título gratuito e precário aos pobres necessitados e indigentes, não se cobrando qualquer importância pela ocupação».**

Não há pois, que apresentar nas competentes secções de finanças, a citada «licença de utilização» ou para habitação, licença sòmente exigível ou indispensável quando se trata de pedidos de isenção temporária de contribuição predial dos prédios novos, ampliados ou melhorados.

Subscreve-se, este, que desejaria ver transformado um sonho na mais feliz realidade: Há, no continente, cerca de 8 milhões de portugueses; evidentemente, pelo menos dois milhões poderiam — sem sacrifício! — dar, mensalmente, 1$ para o «Património dos Pobres»; e com dois milhões de escudos mensais, quantas casas mais se construiriam para os nossos irmãos! Se cada um interrogasse a sua consciência, perguntando — mesmo que pobre fosse — não posso dar mês a mês, um escudo para o Património dos Pobres?», por certo que responderia afirmativamente e **sentiria a obrigação** de, com tal escudo, fomentar a obra de tão admirável Património

IGNOTUS

«O Gaiato» ★
De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Setúbal

A Barraca. Eu conheço muitas centenas delas. Feitas de tijolos, de blocos, de pedra e cal, de tábuas, de caixotes, de latas, de papelão e de saco. Elas abrigam os meus irmãos. Foram o berço dos meus filhos! São o último recurso, a última tábua de salvação no naufrágio da vida. Devia amá-las. Mas não. Detesto-as. Tenho nojo delas. Elas são o maior escândalo do século vinte e a prova mais gritante da sua cobardia. Século de progresso... Enche-se a boca com o progresso! Ele nos jornais, nas revistas, na rádio e na televisão e não se ouve nem se vê as imagens tristes de tantas vidas sombrias.

Eu odeio a barraca. Ela corroe. Alicia e multiplica a degradação, fomenta uma sede irresistível de alcool, definhando assustadoramente os filhos de uma geração à outra e desagregando famílias, atira os seus membros para cada canto, abriga a tuberculose incurável, a doença intermitente, a soberania do esterco.

Ela faz dos filhos de Deus degradados desumanos, onde a a imagem viva se torna irreconhecível... Como a caminho do Calvário... carregando novamente os pecados dos homens.

*

Era à noitinha. Eu tinha passado a tarde nas barracas e não acabara ainda a volta planeada. Procurava uma com duas divisões para onde transferir provisóriamente a cancerosa mais a sua família, de que te falei no Gaiato do Natal. Bati a uma porta. De dentro duma sai um magote de mulheres e crianças tão prontamente como um enxame de abelhas espantadas da sua colmeia. Pedi indicações. Percebeu-se o que eu andava a fazer. Nisto uma velha começa a imprecar: — Só de mim ninguém quer saber. Só à minha desgraça ninguém liga... E por aí adiante!...

Fui ver. Era verdade... Terrívelmente verdade.

A desgraça a que ela chegou é quase irremediável. A sua barraca, armada a um canto dum casarão velho e carcomido, sem qualquer cobertura, aproveita as paredes dele que suportam do lado de trás, as terras de uma elevação. O chão é lama asquerosa. Num dos cantos um enxergão enrolado da cor do piso, é a cama do genro e dos netos. Ela tem cama de ferro com um colchão e um cobertor. A mulher levanta o cobertor: **«Olhe onde eu durmo»**. (Não tinha mais nada).

Eu, mais os netos e a vizinhança que veio atrás de mim naquele antro a ouvir os seus desabafos que são bem a condenação da nossa cobardia. «Tenho uma filha no Sanatório do Lumiar, tenho outra no abrigo em Setúbal, morreu-me outra... E a mãe dos meus 6 netos fugiu para Lisboa com um amigo...» Dela não disse. Eu vim a saber. Vi-a na cidade, num dia de chuva, frio e vento, descalça, com a pele a luzir por entre o leve vestido, com uma garrafa cheia, debaixo do braço. Calculei logo. É a barraca. Ela rouba tudo o que há de humano. O álcool é agora a única fuga. Em tempos foi o sexo — vim a saber. Trouxe logo os dois netinhos. Um de 7 anos vivo, com um olhar encovado e tão triste como a morte. O outro de 9 anos, anormalizado. Que havia eu de esperar?

Eu odeio a barraca. Amo os meus irmãos. Apeteceu-me ralhar com a velha quando ontem me encontrei com ela. Voltei-lhe a cara, não quis ouvir as suas queixas. Tenho de pedir perdão. O meu Senhor está nela terrívelmente desfigurado — meditava depois. Porque não sou eu aquela velha? E porque não és tu, leitor? Se vivêssemos nas mesmas condições do que ela, seríamos melhores? Pede perdão comigo. Ajoelha. Compreende. Nós somos os grandes culpados. **Nós**, que lhe poderíamos dar a mão a tempo e adormecemos e continuamos a dormir.

*

A Família da Cancerosa, de que te falei na véspera de Natal, vai ter uma casa. Sai da barraca. É uma ressurreição operada pelo amor dos leitores do Gaiato. Comprei uma casa por 30 contos. É nova a estrear. Cinco divisões, espaçosas. Tacos, canalização de água e luz. Um mimo! Vale cinquenta. O dono perde o resto. Que o saiba o leitor que mandou dez contos e a que deu 4 e a professora primária que arrancou 12 às suas economias e as criadas de servir que me mandaram notas de vinte e de cinquenta e as mães aflitas que me perguntaram se seria comunismo a aflição pelos pobres. E os que me mandaram notas de cem. Que o saibam todos. Dêem graças a Deus comigo! Será domingo dia 27 de Janeiro à tarde! No Céu vai haver festa. Filhos de Deus, nossos irmãos, vão ter uma Casa!

PADRE ACÍLIO